

Futebol e Relações de Gênero em Maracanã, Adeus

Em sua obra de ficcionista, pesquisador da crônica esportiva e do próprio esporte, o escritor Edilberto Coutinho, não apenas obtendo importantes prêmios, mas também firmando-se como uma referência obrigatória, no campo das letras, quando a temática é futebol, impõe-se ao estudo.

Além de **Maracanã, adeus (Onze histórias de futebol)**, vencedor do Prêmio Internacional Casa de las Américas, do Prêmio Nacional Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, o autor publicou ainda vários outros livros de alguma forma relacionados à temática não só do futebol mas do jogo, em geral. A título de exemplo: **Os Jogos** (contos), **O Jogo terminado** (ficções curtas), **Práticas proibidas (Uma seleta minimalista de ficção ou não)**, as antologias **Ofícios perigosos** e **Amor na boca do túnel** e o monumental **Nação Rubro-Negra**, história do Clube de Regatas Flamengo.

Afirma Silviano Santiago que "a eleição do universo do futebol como marca registrada do autor, antes de ser na prosa do Edilberto Coutinho uma resposta a possíveis anseios de brasilidade e de exotismo, é a metáfora privilegiada para o existir humano. O jogo é onde se dão ao mesmo tempo a obediência à regra e o drible, a falta e a perna quebrada, o brilho para o

"A eleição do universo do futebol como marca registrada do autor, antes de ser na prosa do Edilberto Coutinho uma resposta a possíveis anseios de brasilidade e de exotismo, é a metáfora privilegiada para o existir humano.

Silviano Santiago

cartola que detém o poder e a camisa molhada para a galera que paga e legitima heróis, as **contraintes** sócio-políticas e econômicas e as correrias desembestadas do individualismo, as armações do companheirismo e a violência dos oponentes, o gosto alegre da vitória, o sabor salgado de suor da derrota e a ironia tipo tudobem do empate.¹ Um dos ângulos através dos quais é possível analisar a contribuição de Edilberto Coutinho para a renovação do tema é, precisamente, o que abordamos neste ensaio: o de sua articulação às relações de gênero.

Tradicionalmente considerado território exclusivo masculino e um dos derradeiros baluartes do machismo decadente, o futebol vem acumulando, por isto, longa história de exclusão da mulher e de produção de estereótipos sexistas relacionados às contratentativas femininas de inserir-se nele. A par disto, vem, também, acumulando longa história de sedimentação de preconceitos contra as eufemisticamente chamadas minorias sexuais, pela ridicularização da homossexualidade de juízes, jogadores ou torcedores.

Ao popularizar-se, o futebol integrou-se de modo tão visceral à cultura, no Brasil, que disto resultou a produção de estereótipos nacionais tais como os de **país do futebol**, de largo consumo não só na leitura externa de produções culturais de brasileiros senão também mesmo na leitura interna, vinculando-se à auto-imagem de **campeões do mundo** hegemônica de finais do decênio 50 ao início dos anos 70.

Com efeito, o apogeu do futebol coincide, no Brasil, com décadas de profunda importância para a definição do perfil contemporâneo do país. Ao fim do decênio de

50, marcado pelo desenvolvimentismo dos anos JK, segue-se a crise política detonada com a renúncia de Jânio Quadros assinalada pelas turbulências que acompanham, desde a mudança casuista do sistema, de presidencialista para parlamentarista, até a deflagração do golpe militar, em 1964, pondo fim ao período João Goulart. A conquista do tricampeonato mundial de futebol, momento de glória maior para o esporte brasileiro, em 1970, será contemporânea do período mais duro do estado de exceção, posterior ao AI-5, época marcada pelo acirramento das torturas e mortes dos que lutavam contra a ditadura, garroteadas as liberdades civis e, não menos, os direitos humanos.

Futebol e Relações de Gênero

O controle autoritário pelo estado de exceção, exercido sobre o esporte mais popular no Brasil, sua utilização ideológica pela classe dominante, como fator de alienação das camadas populares, a relação entre poder e jogo, em suma: eis o cerne de **Maracanã, adeus**. Sua primeira edição brasileira, de 1980, é contemporânea do início da chamada **abertura lenta, segura, gradual**, nome dado na perspectiva do poder ao processo de distensão política iniciado devido ao clamor de vários segmentos da sociedade em prol da redemocratização e à própria evidência de falência, malgrado as coerções da censura à circulação da informação, do projeto **redentor** do movimento militar de acabar com a corrupção no país, bem como com: a **subversão**. Com efeito, se o que se seguiu, na esteira do golpe, foi, de fato, o aniquilamento, inclusive físico,

A conquista do tricampeonato mundial de futebol, momento de glória maior para o esporte brasileiro, em 1970, será contemporânea do período mais duro do estado de exceção, posterior ao AI-5, época marcada pelo acirramento das torturas e mortes

¹ "Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós." In: *Amor na boca do túnel*, de Edilberto Coutinho. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1992.

Com efeito, o apogeu do futebol coincide, no Brasil, com décadas de profunda importância para a definição do perfil contemporâneo do país.

das forças de oposição, sem mencionar o seu aniquilamento simbólico através das cassações de direitos políticos, isto não significou o fim da oposição ao golpe. Pelo contrário, deu força à oposição, seja ao modelo econômico concentrado da renda nacional, através do ressurgimento do movimento sindical, a criação do Partido dos Trabalhadores, da eclosão das primeiras greves, ainda sob a ditadura, seja ao modelo político, através, sobretudo, da campanha popular pelas eleições diretas. A par disto, à medida que os meios de comunicação abriam um mínimo de espaço, as informações sobre corrupção iam estampando a cabal falência do proclamado aspecto moralizante do aparato autoritário.

Neste contexto, a tematização do futebol na ficção de Edilberto Coutinho opta, preferencialmente, pelos excluídos e marginalizados, **outsiders** do sistema sócio-político-econômico. Através das categorias raça, classe social e gênero, configuram-se personagens não centrados em paradigmas de canonização ficcional de heróis: o negro, que tenta ir à forra num sistema dominado por brancos; as camadas populares, instrumentalizadas pelas classes dominantes; as mulheres e os homossexuais, preenchendo papéis sociais historicamente subordinados ao falocentrismo patriarcal compõem uma galeria de personagens e movimentam um sem-número de tramas narrativas ficcionais.

José Dias da Cruz, o alienado personagem de "Preliminar", as contrastantes Ana Amélia Carneiro de Mendonça e Elza Soares, de "Mulher na jogada", o travesti Nini de "O rei nu", configuram alguns exemplos do poder sedutor do futebol, de tal sorte que "os gols

marcados numa partida podem ser gols contra os dominados"², vale dizer, a favor dos dominantes.

A suspensão, no espaço do jogo, do paradigma excludente do espaço social, permite que o excluído na cena social figure como centro, no jogo. É o caso de **Feijão**, em "Preliminar", de **Maracanã, adeus**. Jogando uma partida de importância periférica em relação à do jogo principal, que nem televisada é, o "molecote", "maneirinho, franzino", subnutrido, cujo apelido aponta para o alimento integrante da cesta básica popular, em suas cores escuras mais usuais, portanto para sua origem étnica e de classe social, dribla a defesa do adversário composta por "aqueles garotões fortudos nutridos e bibivite, tudo vitaminado, queimadão de praia". O gol do dominado na rede do dominador, a vitória do time periférico sobre os das classes dominantes, o jogo inversor das relações de classe sobre o espaço social, onde os torcedores do Bangu, do craque Feijão, habitam a Vila Progresso, sem infra-estrutura sanitária, sem transporte digno para o trabalho ou um mínimo de qualidade de vida, é o instante de desforra simbólica do oprimido, a válvula de escape permitida pelo próprio sistema excludente, mantenedora do *status quo*. Na medida em que o excluído apela somente para os meios mágicos de reversão de seu **apartheid** social, tais como jogar na Loteca - um jogo, de azar, sobre outro jogo, o futebol - ele ratifica, simbolicamente, a ordem vigente em suas desigualdades, lançando sobre o acaso (a sorte) e em nível individual, as correções sociais. As soluções individualistas, como o craque que brilha isolado no time de segunda categoria e o hipotético candidato a ganhador, que renova as esperanças nos volantes lotéricos de emergir, isoladamente, do circuito de

² "O fim de uma agonia", **Maracanã, adeus** de Edilberto Coutinho. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1994 (9ª ed. brasileira)

A suspensão, no espaço do jogo, do paradigma excludente do espaço social, permite que o excluído na cena social figure como centro, no jogo.

Neste contexto, a tematização do futebol na ficção de Edilberto Coutinho opta, preferencialmente, pelos excluídos e marginalizados, **outsiders** do sistema sócio-político-econômico.

pobreza e de exclusão em que sobrevivem os demais de sua classe, caracterizam na ficção de Edilberto Coutinho a alienação das camadas populares, findo o **milagre econômico** que no ciclo autoritário beneficiaria as camadas médias, a preço exatamente, de um modelo concentrador de renda, produtor de miseráveis em larga escala. A mulher que deseja o ícone de então, por excelência, da classe média, a televisão colorida, ainda não acessível às camadas populares (como, hoje, o computador, o fax, o celular, não menos, emblematizam o estágio presente dos beneficiários do modelo concentrador de renda nacional) e que se frustra e ressentida pela inacessibilidade do que os meios de comunicação social lhe anunciam sem, todavia, conceder, configura o outro pólo individualista nas relações tradicionais de gênero. O discurso reivindicador de Raimunda, se relativamente lúcido acerca das condições sub-humanas em que vive a família, não é todavia, menos conservador que o de seu marido. Não apenas por alienar-se na televisão, mas também por fixar-se no desempenho do papel feminino tradicional de esposa mantida pelo parceiro, a quem pede, em dependência econômica total, desde o remédio da filha até a mudança de casa. Consequente à internalização de um modelo de relações sociais de gênero falido já mesmo então nas camadas médias da população urbana, a dependência econômica agrava o conflito do casal. O servente subalterno, incapaz de prover-se sequer a si próprio com dignidade, falha como provedor do grupo familiar. O modelo patriarcal de chefe de família responsável único pelo sustento doméstico, introjetado ideologicamente e permeando as relações de gênero investe do significado de fracasso individual a incapacidade de J.D. da Cruz em promover o êxodo familiar de Vila Progresso, quando isto não seria senão

O discurso reivindicador de Raimunda, se relativamente lúcido acerca das condições sub-humanas em que vive a família, não é todavia, menos conservador que o de seu marido.

resultado da exclusão, coletiva, de todo um segmento da sociedade brasileira. A transferência compulsória dos moradores das favelas da Zona Sul carioca para as periferias, executada durante os governos autoritários, cria a necessidade dos longos, e penosos, deslocamentos diários dos trabalhadores. A falência dos governos em criar, no estado de exceção, o provedor do bem-estar social, se de um lado consolida um alto nível de acesso à riqueza nacional por parte de uma minoria da população, nível, este, comparável a padrões dos países mais ricos do mundo, por outro lado promove, como preço deste mesmo acesso restrito, o maior e mais longo arrocho salarial dos trabalhadores da história de um país, que já tivera 300 anos de escravidão.

Denunciando ainda o racismo no futebol "punhos de renda", as resistências históricas a efetiva popularização do esporte, para além de sua mera utilização, em tempos autoritários, como transformação de torcidas em eleitorado e em força de manutenção do regime, o universo ficcional de Edilberto Coutinho vem mantendo-se, nos duros anos 90, em ampla sintonia com as mais agudas preocupações dos estudos literários internacionais, relativamente às questões étnicas, de gênero e da exclusão social.

Maria Consuelo Cunha Campos

Do Instituto de Letras - UERJ

Doutorado em Letras - UFRJ

Autora do livro "Sobre o conto brasileiro",

Editora Gradus